

GÊNEROS DO DISCURSO E GÊNEROS TEXTUAIS: DA TEORIA À APLICAÇÃO NO ENSINO DE LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA¹

SPEECH GENDER AND TEXTUAL GENDER: FROM THEORY TO APPLICATION IN LANGUAGE TEACHING IN BRAZILIAN BASIC EDUCATION

Wallace Dantas

Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, PB, Brasil. E-mail: wallacedantaspb@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9716-644X>

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v1i2.28>

Recebido em: 25.09.2020

Aceito em: 07.11.2020

Resumo: Neste trabalho, busco destacar a importância dos gêneros para o ensino de língua materna, na medida em que realizo uma breve reflexão sobre as atuais exigências da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, levando em consideração a atual situação da docência em Língua Portuguesa. Para isso, à luz de duas perspectivas teóricas (BAKHTIN, 2016; MARCUSCHI, 2002), será feito um levantamento a respeito do que se entende por gênero do discurso e gênero textual, principalmente. Objetivo, também, traçar um esquema das melhores possibilidades de trabalho, provenientes do contato com o gênero, das quais o professor pode se valer em sala de aula, tomando como parâmetro a Base Nacional Comum Curricular – BNCC do ensino médio.

Palavras-Chave: Ensino. Gêneros. BNCC.

Abstract: *In this work, I seek to highlight the importance of genders for the teaching of the mother tongue, as we will conduct a brief reflection on the current requirements of the National Common Curricular Base - BNCC, taking into account the current situation of teaching in Portuguese. For this, in the light of two theoretical perspectives (BAKHTIN, 2016; MARCUSCHI, 2002), a survey will be made about what is meant by speech genre and textual genre, mainly. It also aims to outline a scheme of the best job possibilities, coming from contact with gender, which the teacher can use in the classroom, taking as a parameter the National Curriculum Common Base - BNCC of high school.*

Keywords: *Teaching. Genres. BNCC.*

1 Introdução

Na atualidade, a aplicabilidade dos gêneros ao ensino de língua materna atende às propostas da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que, por sua vez, dentro de tantos outros documentos normativos, toma como fundamento os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.. No entanto, para se trabalhar com gêneros, é necessário ir além da

¹ Uma parte da discussão aqui proposta se encontra em Dantas (2015). Neste texto, retomo a ideia, agora de forma ampla e atualizada.

decodificação e da reprodução de esquemas redacionais que ainda atravessam a produção textual dentro do ambiente escolar, no contexto da educação básica. O trabalho com textos deve ter como base a noção de gêneros do discurso² e, também, levar em consideração a compreensão e o conhecimento de seu funcionamento e de seus propósitos.

Gêneros do discurso são artefatos linguísticos, elementos historicamente definidos, que se encontram atrelados às esferas da comunicação e da atividade humana. Portanto, trabalhar com gêneros é trabalhar com a língua em ação, em atividade e usos funcionais; em síntese, é trabalhar com a língua viva, desprendida dos limites da forma e da estrutura.

Os gêneros fazem parte do nosso cotidiano, pois representam sistemas sócio-discursivos determinados por uma situação constituída por interlocutores que dividem conhecimentos específicos da cultura na qual estão inseridos. Logo, possuem enorme plasticidade e desenvoltura diferenciada com relação aos contextos vivenciados. Todavia, são concebidos como eventos que independem de desejos individuais, uma vez que se estruturam e se modelam socialmente.

A tradição nos lega um ensino voltado para o estudo da língua destinado à apreensão passiva de regras e termos presentes nas gramáticas (MARTINS, 2017). Fato que promove, em muitas ocasiões, o distanciamento entre os valores da oralidade e da escrita, autênticas formas de manifestação cultural da língua. As realizações linguísticas, sem exceção, dependem de um texto para existirem, além de um gênero que defina suas objetivações. Portanto, extirpar da teoria e da produção textual a noção de gêneros textuais enquanto função é deixar de fora da prática escolar as relações sociais nas quais ela obrigatoriamente deve estar inserida.

Partindo das concepções explicitadas, este artigo objetiva relacionar a teoria dos gêneros do discurso com práticas escolares mais significativas, aquelas que tomam o ensino da língua como uma produção coletiva de enunciados distantes dos preceitos abstratos nos quais estão apoiadas diversas concepções sistemáticas, isto é, desvinculadas de um contexto real. Entretanto, para que o caminho trilhado pelo estudo dos gêneros seja realmente o mais viável, é preciso ter em mente a noção de que os gêneros são elementos maleáveis e transmutáveis, que são incontáveis, e que surgem a partir de um processo criativo, que envolve valores intrínsecos, necessidades comunicativas e culturais, expressividade, e muitos outros aspectos. Os gêneros acompanham o desenvolvimento das sociedades humanas, caminham ao lado do desenvolvimento tecnológico e, ao longo do tempo, vão modelando composições híbridas. Diante de semelhantes processos, alguns gêneros ascendem, enquanto outros caem em parcial ou completo desuso.

É importante ter em mente que a função de um gênero é o que o define, porém sua forma não deve ser desprezada. Precisa-se apreendê-lo inteiramente; entender seus propósitos, ao passo que se compreende o porquê de sua estrutura que, segundo Bakhtin, é formada por um *tema*, uma *forma composicional* e um *estilo*. O gênero não é um instrumento opaco, pois ele é, literalmente, a discursividade manifestada por algum texto no interior de determinada instância. Os gêneros, suas formas e funções, estão intimamente ligados aos conceitos de *enunciado*, *tipos textuais* e *seqüências tipológicas*, *domínios discursivos*, *língua*, *texto* e *discurso*. Esses conceitos, imprescindíveis à teoria e prática dos gêneros, serão gradualmente apresentados no conteúdo deste trabalho, com o intuito de elucidar a importância e a produtividade desempenhada pelos gêneros no ensino, a partir de uma análise crítica da conjuntura atual da escola e dos manuais de

2 Considerando a base teórica na qual este artigo se fundamenta, sempre usarei “gêneros do discurso” – Círculo de Bakhtin.

língua portuguesa.

Levar aos alunos a língua em sua forma viva e atuante é compor um quadro de expectativas ainda maiores no que diz respeito ao verdadeiro aprendizado. Assim, este texto pretende focar as teorias desenvolvidas inicialmente pelo famigerado Círculo de Bakhtin, mesmo que este não tenha voltado suas concepções para a educação especificamente, passando pelas concepções remodeladas por Adam, até chegar às ideias defendidas por Marcuschi (2002) e outros importantes contribuintes da área. Além da teoria, pretendo formular apontamentos que possam promover uma reflexão resignificante sobre determinadas práticas docentes ainda alheias à relevância dos gêneros.

2 A formação enunciativa dos gêneros do discurso

Quando o tema é a aplicabilidade dos gêneros ao ensino de Língua Portuguesa, vale destacar a figura de Mikhail Bakhtin como a mais importante, entre tantas outras, para o estudo dos gêneros textuais. Bakhtin, Volóchinov e Medvedev formavam o que os pesquisadores chamam até hoje de o *Círculo de Bakhtin*, que se reunia para tratar sobre os problemas relacionados à linguagem.

Nem sempre os russos teorizaram visando as práticas educativas de língua materna ou estrangeira, mas suas pesquisas fomentaram ótimas discussões acerca do ensino/aprendizagem, principalmente a partir de meados da década de 1980, como se pode ver na seguinte citação, onde se discute o ensino de línguas como sistema:

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam[...] Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (por que falamos por enunciados e não por orações isoladas e evidentemente, não por palavras isoladas) (BAKHTIN, 2016, p. 38-39).

Para tanto, Bakhtin diz que a língua, sua verdadeira substância, não é aquilo que pregava os primeiros pensadores da filosofia da linguagem, isto é, um sistema abstrato de formas linguísticas (objetivismo abstrato), nem uma enunciação monológica isolada (subjetivismo individualista) e tão menos um ato psicofisiológico de sua produção (atividade mental). Para ele, a realidade fundamental da língua é o seu fenômeno social de interação verbal.

Assim, língua e discurso podem, de acordo com o círculo, ser vistos como: língua-sistema e língua-discurso, ou seja, ora são tidos como conceitos diferentes, talvez pelo fato de o termo *língua* ainda está impregnado do sentido que lhe dava a linguística da época, ora são tratados como intercambiáveis, e aí, vamos ter o que se denominou de “metalinguística ou translinguística, a língua em sua integridade concreta e viva” (RODRIGUES, 2001, p. 156).

Já com relação ao texto visto como sistema (texto-sistema) e ao texto visto como enunciado (texto-enunciado) pode-se dizer que a conceituação dada a este último, pelos russos, não condiz com aquilo dado pela “lingüística textual e pela semântica argumentativa”, que vêem o enunciado como “unidade menor, elemento interno ao texto” (RODRIGUES, 2001 p. 157). Bakhtin vê o enunciado como uma totalidade discursiva, pronto antes mesmo de ser dito (*projeto discursivo*). O texto-enunciado é fenômeno sociodiscursivo.

O enunciado pode ser distinguido pela sua alternância dos sujeitos do discurso, pela sua expressividade e pela conclusividade. Mesmo o enunciado sendo único, na comunicação discursiva real, ele será vários quando interligado a toda uma rede de sentidos com outros enunciados; é o denominado *dialogismo bakhtiniano*.

[...] se os enunciados, pelo seu papel e lugar, representam unidades concretas e únicas da comunicação discursiva, por outro lado, pela sua natureza dialógica (o dialogismo é constitutivo), não podem deixar de se tocar nessa cadeia, estando vinculados uns aos outros por relações dialógicas, que são relações de sentido (RODRIGUES, 2001, p. 160).

Dessa forma, há enunciados pessoais, relativamente estáveis, como gêneros impessoais, característicos a determinadas esferas da vida social. Sabendo disso, temos os gêneros como eventos constituídos mediante a situação de interação social, impessoais e estabelecidos historicamente. Sendo assim, o uso da língua se efetua em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, produzidos por participantes que constituem uma ou outra esfera da atividade humana e que, a partir de seu estudo como unidade real discursiva, podemos entender a natureza de suas unidades linguísticas.

A interação é constituída pela realidade essencial da língua, e seu modo de existência encontra-se na comunicação discursiva concreta. Os gêneros, considerados inumeráveis, são dominados por grupos sociais, e é no interior desses grupos que ele ganha estabilidade, suas formas complexas diferenciadas, definidas pelo contexto no qual estão inseridos em um dado momento.

Bakhtin afirma que os gêneros podem ser vistos por dois aspectos. Em um primeiro momento, verifica-se a existência dos gêneros primários (simples), decorrentes de uma situação comunicativa discursiva imediata, em outro, os gêneros são tidos como secundários (complexos), estes surgem nas condições de comunicação cultural mais complexa, como nas esferas artística, científica, religiosa, jornalística, escolar, entre outras. O seguinte quadro demonstrativo esclarece tal ideia:

Quadro 1: Demonstração dos Gêneros Primários e Secundários segundo Bakhtin (2016)

GÊNEROS PRIMÁRIOS (SIMPLES)]	GÊNEROS SECUNDÁRIOS (COMPLEXOS)]
Conversa de salão Diálogo familiar Carta Diário íntimo Bilhete ...	Romance Palestra Livro Didático Tese Artigo Científico ...
Situação discursiva imediata	Comunicação cultural mais complexa e organizada

Fonte: autoria própria

Os gêneros são considerados eventos de caráter atual, o que enfatiza o contínuo movimento existente entre a unidade e a continuação. Para Bakhtin (2016), o gênero é novo e velho, é e não é ao mesmo tempo. Nesta mesma linha de pensamento, tenho Marcuschi (2002) que, por sua vez, comunga com a perspectiva que compreende os gêneros textuais (como prefere se referir aos gêneros) como eventos sócio-históricos, relativamente estáveis, e responsáveis pela ordenação e estabilização da ação comunicativa diária, considerando-os ainda como maleáveis, dinâmicos e plásticos, já que são produtos da atividade da língua que, por conseguinte, estão em constante funcionamento social, possuindo, assim, um caráter processual, definidos primordialmente pela sua função comunicativa.

[...] embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. [...] em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções [...] (MARCUSCHI, 2002, p. 21).

Faz-se necessário, neste momento, iniciar uma breve discussão com relação aos tipos textuais e aos gêneros textuais para que possamos compreender melhor a importância de uma abordagem distintiva no tratamento do gênero em sala de aula.

3 Tipos textuais e gêneros textuais: distinções

Diariamente lidamos com uma enorme variedade de *gêneros* e *tipos textuais*, no entanto muitas confusões terminológicas apontam para a necessidade de uma abordagem mais clara e objetiva acerca de termos que, por serem tão próximos, acabam recebendo uma classificação equivocada. Com vista nisso, é conveniente esclarecer que o *gênero textual* é um elemento heterogêneo no qual os *tipos textuais* se fazem presentes.

Como *tipo textual*, concebemos as espécies de sequências que podem ser teoricamente definidas pela natureza de sua composição. Sequências que atravessam o corpo dos gêneros e podem ser identificadas por meio de aspectos linguísticos e formais. Os tipos existem em número limitado e abarcam categorias como: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição* e *injunção*. Por outro lado, os *gêneros textuais* são definidos por seus conteúdos, funções, estilos e formas. São inúmeros e constituem o corpus dos textos materializados em nosso dia a dia, além de possuírem características sócio-comunicativas. Como exemplos de gêneros textuais, podemos citar: *romances*, *cartas*, *telefonemas*, *bilhetes*, *teses*, *palestras*, *e-mails*, *resenhas*, *piadas*, *notícias*, *outdoor*, *aulas virtuais*, *reportagem*, *receita*, *manuals de instrução*, *editais*, *artigos*, *conversas espontâneas* etc.

A seguir, um quadro semelhante ao que Marcuschi (2002) apresentou no afã de tornar mais específica a distinção entre tipos e gêneros:

Quadro 2: Distinção entre Tipos Textuais E Gêneros Textuais

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1 – propriedades linguísticas intrínsecas;	1 – realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2 – compõem os gêneros e não são textos empíricos;	2 – textos empiricamente realizados;
3 – número de categorias limitadas por aspectos estruturais;	3 – número abrangente de categorias, praticamente ilimitado;
4 – narrações, argumentação, injunção, descrição, e exposição	4 – exemplos de gêneros: telefonema, carta, e-mail, romance, artigo, tese, palestra, cardápio, outdoor, conversa etc.

Fonte: autoria própria.

Outro conceito que não pode deixar de ser mencionado é o de *domínio discursivo*. Entende-se por *domínio discursivo* esferas que fazem parte da comunicação e da atividade humana. Essas esferas, ou domínios, não constituem gêneros ou discursos, mas propiciam a criação destes. Os domínios identificam-se como áreas específicas da ação linguística humana, assim, pode-se falar em esferas sociais: *esfera jornalística*, *esfera religiosa*, *esfera doméstica*, etc. Conclui-se que os gêneros estão sempre inseridos em uma situação real e concreta, portanto, possuem finalidade discursiva. Logo, podemos compreender os domínios como espaços formais onde os textos, de maneira discursiva, circulam e (re)produzem algum conhecimento instituído historicamente em um meio social.

Para uma compreensão mais ampla, focar que *texto* e *discurso* não abarcam exatamente a mesma definição é de grande valia. A concepção do que vem a ser *texto*, e do que se pode entender por *discurso*, gera ainda muita polêmica, no entanto, em linhas gerais, nas palavras de Marcuschi (2002, p.24), o texto é compreendido como “[...] uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Discurso é aquilo que o um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva”. Logo, os textos são entidades estruturalmente formais que, ao inserirem-se em alguma situação real de interação, caracterizam seus interesses e objetivos por meio dos discursos.

Ao escrevermos uma carta, um artigo, um e-mail, ao conversarmos pelo telefone, estamos produzindo diferentes gêneros textuais (para usarmos um termo do Marcuschi (2012)). Toda forma de expressão linguística só pode ser efetivada por meio de um gênero e de um texto. Os tipos textuais, que participam da formação dos gêneros, são atravessados por *sequências tipológicas*. Um romance, por exemplo, contém sequências narrativas (a história é contada através da narração), sequências descritivas (descrevem pessoas, objetos ou lugares), etc. Retomando Marcuschi (2002, p.27), conceituamos os gêneros como “[...] uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por sequências tipológicas de base que podem ser bastante heterogêneas, mas relacionadas entre si”. Daí, a noção de heterogeneidade de um gênero. O autor completa sua abordagem com a seguinte colocação: “Quando se nomeia um certo texto como ‘narrativo’,

‘descritivo’ ou ‘argumentativo’, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de sequência de base” (MARCUSCHI, 2002, p.27).

Abaixo, tendo mais uma vez por base esquemas desenvolvidos por Marcuschi, segue um modelo exemplificador tomado a partir de fragmentos do que seria uma carta pessoal:

Quadro 3: Exemplos de Sequências Tipológicas presentes no Gênero Textual Carta

Sequências tipológicas	Gênero textual
Descritiva	Campina Grande/PB, 21/4/2020
Injuntiva	Olá, meu caro amigo! Como vai?
Argumentativa	Estou lhe escrevendo porque acho que é conveniente que você saiba o que está acontecendo por aqui.
Descritiva	Na casa dela, encontrei uma mesa farta de livros, ao lado de uma estante velha cheia de objetos de costura, maquiagem, decoração...
Injuntiva	Eu te falei que ela está morando com a mãe agora. Não falei?
Narrativa	Na última semana estive por lá para saber como estavam. Depois que saí dali, fui à casa de meu tio, pois havia muito tempo que não conversávamos sobre esse assunto.
Expositiva	Eu acho que tudo isso acontece por que tia Dora não gosta muito dos amigos de Sofia. Agora mesmo, ela está em casa esbravejando, contra todos os céus, que a filha não sabe selecionar amizades.
Injuntiva	Mande lembranças a todos e, por favor, escreva-me mais, certo?
Narrativa	De seu estimado amigo Carlos.

Fonte: autoria própria

É de fácil apreensão a heterogeneidade tipológica de um gênero. As sequências tipológicas constituem, formalmente, tipos textuais que, ao interagirem entre si, tecem uma infraestrutura mais complexa, no caso, os gêneros.

Ainda no tocante à concepção e arrumação das sequências, Adam (2008) esclarece que estas correspondem ao conceito de enunciados diferentes que compõem os gêneros. Diferentemente de Bakhtin (2016), que concebia o romance, a carta, a conversação, etc. como espécies de enunciados em suas totalidades. Adam, ao se dedicar à problemática dos gêneros, passa a levar em consideração que enunciado é aquilo que atravessa um texto/gênero em forma de sequências estruturais. Com relação ao que fora apontado por Marcuschi (2002), duas ressalvas devem ser feitas. Primeiro, Adam (2008) não acredita na existência de uma sequência expositiva, para ele uma exposição pode ora configurar-se como descrição, ora como explicação. Logo, temos uma sequência explicativa ao invés de uma expositiva. Segundo, é dada às sequências injuntivas a condição de sequências dialogais, aquelas que são essenciais à comunicação humana. As sequências dialogais dividem-se em duas categorias: sequências fáticas e sequências transacionais. As primeiras incumbem-se da função de abrir e encerrar discursos: *Alô; Que horas são*; estas últimas compreendem o corpo do discurso, sua real intenção: *São sete horas*.

Como se sabe, os gêneros são instrumentos maleáveis, definidos por um contexto, portanto, não se isolam dentro de uma estruturação rígida. Os gêneros são heterogêneos porque abarcam vários tipos de texto em sua composição, e estão sujeitos à intertextualidade intergêneros, pois existem muitas construções híbridas que admitem que um gênero atue com a função de outro. Uma notícia não deixará de ser notícia se aparecer sob a forma de um poema, contanto que não deixe de lado a sua função original, que é a de informar.

Os gêneros atendem às demandas culturais de cada meio onde se inserem. Os gêneros refletem estruturas recorrentes em cada cultura e acompanham as mudanças que ocorrem em cada local. Os gêneros são formas de realizar linguisticamente determinado objetivo, portanto, não devem se recolher ao abstracionismo da forma, e sim explorar a enorme gama de possibilidades que podem oferecer, seja de forma natural ou de forma híbrida, isto é, devem ter liberdade para atuar e devem estar sempre acompanhados pela consciência coletiva de que não funcionam estaticamente, mas em contato com eventos reais de uso da língua. Me parece, que esse pensamento ganhou vida, no decorrer dos anos, nos documentos oficiais e, agora, concretamente falando, ele se intensifica na BNCC como veremos no próximo ponto.

4 A aplicação dos gêneros ao ensino de língua portuguesa

O trabalho com gêneros em sala de aula consiste em uma tarefa que exige do professor uma pluralidade de estratégias e metodologias para que o mesmo venha a caminhar com êxito. Com isso, o professor deve ter um conhecimento dos gêneros para que a produção em sala e a compreensão de tais possam acontecer de forma satisfatória. Tendo em vista tal realidade, o professor dispõe das ideias e propostas da, atualmente, Base Nacional Comum Curricular / BNCC, que sugere um trabalho baseado na produção e análise dos gêneros, considerando suas criações e transformações atreladas àquilo que no referido documento é chamado de “campos de atuação social”³.

3 É importante deixar claro que, neste texto, neste momento, me refiro à BNCC, observando apenas as considerações dos

Os gêneros devem ser trabalhados considerando uma diversidade de elementos, dentre os quais merecem destaque: a modalidade (que pode ser oral e/ou escrita); o suporte (que pode ser do mais para o menos familiar) e o contexto social (que abordará análises de adequação dos diversos textos abordados em sala visando um melhor entendimento dos diversos públicos-leitores). Deve-se considerar ainda as questões de linguagem (aspectos verbais e não verbais, assim como as variações de dialetos e registro), gramática e textualidade (pois o trabalho da gramática deve estar atrelado ao do texto, onde um não deve se sobrepor ao outro, mas sim andarem em harmonia).

A BNCC, nesse contexto educacional, e observando a etapa do ensino médio (que precede o ingresso do indivíduo no ensino superior), afirma categoricamente que, pensando na juventude da educação básica em seus anos finais, “reflexões que envolvam o exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses⁴ (...)” (BRASIL, 2018, p. 486) devem acontecer diariamente nas aulas de linguagem. Isso significa, a meu ver, que tais reflexões só serão possíveis a partir do trabalho com os gêneros do discurso, observando, se não todos, mas os possíveis contextos sociais de comunicação nos quais os alunos estão e/ou poderão estar.

Além das propostas contidas na BNCC (etapa do ensino médio), o educador pode contar com inúmeras outras teorias que tomam por base aspectos sociais de comunicação e interação nas atividades desenvolvidas em sala, como nos deixa claro Bezerra (2002, p. 38):

Inúmeras são as teorias que, de formas variadas e em níveis diversificados, influenciam a metodologia de ensino de Língua Portuguesa. No entanto, nas duas últimas décadas do século XX e primeiros anos do século XXI, algumas têm-se destacado: a teoria sócio-interacionista vygotskiana, as de letramento e as de texto-discurso, que possibilitam considerar aspectos cognitivos, sócio-políticos, enunciativos e linguísticos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de uma língua.

Bezerra (2002), de forma indireta, nos concede algumas sugestões de como o trabalho deve ser feito em sala: 1) o professor deve dá uma ênfase à leitura, pois é através dela que o educando entrará em contato com uma diversidade infinda de gêneros; 2) o docente deve desenvolver métodos de análise, mas e, sobretudo, estratégias de produção de textos narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos e conversacionais; 3) o educador deve considerar os aspectos enunciativos, discursivos, temáticos, estruturais e linguísticos. Esse conjunto de estratégias de uso e produção desses gêneros, para a referida autora, “caracteriza-se como uma das renovações mais apregoadas no ensino de nossa língua, embora ainda insuficientemente praticada” (BEZERRA, 2002, p. 43)⁵.

É importante ressaltar a fala da autora quando afirma que tais estratégias sugeridas chegam a ser *insuficientemente praticadas*, pois considera que tais ações devem ser realizadas

gêneros na etapa do ensino médio, por ser o segmento do ensino no qual me encontro. Em um trabalho futuro, apresento uma investigação sobre o lugar que os gêneros do discurso (e textuais) ocupam no referido documento normativo.

4 Conforme a BNCC, “semiose é um sistema de signos em sua organização própria” (BRASIL, 2018, p. 486)

5 Com o objetivo de auxiliar o leitor no sentido de ampliar o leque de opções para o melhor desenvolvimento do trabalho com gêneros em sala de aula, à luz do que apregoa a BNCC, penso que o livro didático de português é de grande valia, considerando que para muitos docentes as ações didático-pedagógicas começam por ele. Nesse sentido, também de Profa. Dra. Maria Auxiliadora Bezerra com a Profa. Dra. Angela Paiva Dionísio, sugiro a leitura da obra digital, lançada recentemente pela editora da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, “Livro Didático de Português: múltiplos olhares” (2020). Acredito que, somado às ideias propostas neste artigo, esse livro ajudará ao professor na ressignificação do material didático (livro didático de português) usado em sala de aula pela grande parcela (quase que em sua totalidade).

visando uma adaptação metodológica para atender a realidade discente. Dessa forma, o professor terá um resultado positivo, pois serão considerados usos e funções de determinadas situações de interação. Sobre isso a autora nos diz que

O estudo dos gêneros pode ter consequência positiva nas aulas de Português, pois leva em conta seus usos e funções numa situação comunicativa. Com isso, as aulas podem deixar de ter um caráter dogmático e/ou fossilizado, pois a língua a ser estudada se constitui de formas diferentes e específicas em cada situação e o aluno poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo, mediado por parceiros mais experientes (BEZERRA, 2002, p. 41).

5 Considerações finais

Diante de tudo isso, o trabalho do professor deve ser um trabalho de mediação, pois ele é esse mais experiente, e seu trabalho deve ser voltado para uma prática de construção de conhecimento em sala de aula, onde o aluno será também um agente de conhecimentos e, só assim, existirá, de fato, uma situação de interlocução na sala de aula, proporcionando uma situação de interação concreta para a análise e produção desses gêneros. Por isso que, atualmente, não digo que o professor ministra o conhecimento, mas que ele constrói o conhecimento com o aluno, pois ambos são, e devem ser, sujeitos ativos na pesquisa e na busca do saber.

Neste momento, me remeto a Marcuschi (2002) quando afirma que os gêneros textuais são “artefatos linguísticos concretos”. Tal pensamento deve ser considerado pelo docente devido ao fato que o trabalho com os alunos deve partir de situações concretas de uso desses gêneros visando uma melhor interação entre os interlocutores em uma dada situação. Dessa forma, como nos deixa claro o autor, o docente deve, da melhor maneira possível, levar o aluno à análise e produção desses gêneros.

O trabalho com gêneros em sala de aula propicia aos discentes – e porque não dizer também ao professor – “uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Pois, “nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero” (MARCUSCHI, 2002, p. 35). Por isso que o informal também deve ser ao menos mencionado em sala de aula, com o objetivo de propiciar ao aluno uma visão crítica dos mais diversos usos que podem existir quanto aos gêneros.

Com base nessas considerações, percebemos que os autores citados convergem, quando estamos a tratar do trabalho com os gêneros em sala de aula, pois, primeiramente, devemos considerar a necessidade primária dos discentes para que o trabalho com gêneros não venha acontecer de forma aleatória e fora do contexto social de cada um. Por isso, que ao mesmo tempo em que o trabalho com gêneros parece ser essencial e de extrema importância na sala de aula, também torna-se de difícil prática e execução por ser considerado, no decorrer do trabalho, a realidade de cada educando, tarefa que exigirá do educador que almeja desenvolver um trabalho competente uma dedicação “exclusiva” na realização de tal tarefa.

Além disso, como vimos, mesmo que brevemente⁶, o educador deve fundamentar seu trabalho pedagógico nos documentos oficiais, com especial atenção para a BNCC, principalmente,

6 Falo brevemente, porque há um trabalho sendo desenvolvido, no qual, de forma mais detalhada, traço um perfil do lugar dos gêneros do discurso na BNCC do ensino médio. Neste texto, posso afirmar que apenas iniciei essa exposição detalhada a partir do referido documento oficial.

porque tal documento orienta que as ações devem proporcionar aos educandos oportunidades de experimentar afazeres cada vez próximos das práticas acadêmica, cultura, profissional, pública, particular, entre outras esferas sociais e isso só será conseguido exitosamente a partir do trabalho com os gêneros do discurso.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. **La linguistique textuelle**. Introduction à l'analyse textuelle des discours. Paris : A. Colin, 2008.
- ADAM, Jean-Michel. **Linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo : Cortez, 2008.
- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRAIT, B. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 7 – 11.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- DANTAS, W. **Gêneros Textuais**: teoria e aplicação às aulas de Língua Portuguesa. Revista Crátilo, v. 8, n.1, ago. 2015, p. 25 – 33.
- DIONÍSIO, Ângela. Paiva.; et al. **Gêneros Textuais e Ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.19-46.
- DIONÍSIO, Ângela. Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Livro didático de português**: múltiplos olhares. Campina Grande: EDUFPG, 2020.
- FARACO, Alberto Carlos. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M. Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARTINS, M. A. Em defesa do ensino de gramática. **Revista do Gelne**, v. 19, p. 103-117, 2017.
- RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: Meurer, J. L.; Bonini, A.; Motta-Roth, D. (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 153-183.
- ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: Meurer, J. L.; Bonini, A.; Motta-Roth, D. (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.